

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL
A Federação da Construção Civil francesa dirige-se à C. G. T. U. e ao Partido Comunista

A Federação da Construção Civil de França dirigiu ao Partido Comunista e C. G. T. Unitária a carta que a seguir transcrevemos, por nela se revelar a "capacidade revolucionária" de certos laicos ao serviço de Moscovo:

«Convocados pelos camaradas de Ivy-Port para assistir a uma reunião organizada pela C. G. T. U. e Federação Unitária, com a ordem do dia: A Unidade e a organização dos operários, nós fomos ao "rendez-vous", ouvir as vozes autorizadas dos missionários ortodoxos.

Abordando a primeira questão, os nossos amigos «açores» lançaram sobre o dorso da Federação umas pequenas porcarias, que como bons meninos de cérdo da Igreja moscovita elas recitam religiosamente. Para terminar um pequeno apêlo à bolsa feito num tom inteiramente cômico.

Eis explicado em duas palavras tudo o que souberam dizer aos trabalhadores, para justificar a sua intervenção, os nossos amigos «açores». Num período agitado, pois que o Sindicato Único da Construção Civil apresentou uma série de reivindicações e que a resposta é esperada para o fim da semana, a intervenção do secretário geral da mão de obra estrangeira e do seu correligionário, pode ser apódiada de traição. Os representantes dos patrões ao ouvirem-na, devem ter sorrido bem, e esfregado as mãos. Eis a triste conclusão a tirar desta intervenção.

No decorrer da exposição dos dois delegados a nossa atenção foi atraída sobre tudo pela que fez o secretário geral, exposição inexacta, má, que tinha o ar de ser feita por um indivíduo que freqüenta as semi-mundanas, e vive da prostituição. Nós pregunhamos-nos donde vinha uma tal luz, porque a exposição feita era-o por um ignorante do movimento sindical social; não seria ele o descendente dum patrão falso por incapacidade administrativa, ou então não teria sido lançado à porta dum seminário ou dumha escola militar; tinha todo o ar disso. Com um tal indivíduo que tinha antes necessidade de ser educado, não se arrisca a massa a sé-ló.

Sera muito melhor que se dedicasse à criação de animais, porque a função de propagandista que ele ocupa não lhe convém de forma alguma. Seria interessante para os seus patrões, que um debate tivesse lugar, no qual a sua incapacidade fosse demonstrada por ele próprio.

Para este fim, a Federação da Construção Civil, e em particular Masserotti, propõe uma conferência contrária entre o secretário geral da mão de obra estrangeira e Masserotti, delegado da mão de obra estrangeira na Federação da Construção Civil, sobre os temas seguintes que o nosso secretário geral em questão declarou conhecer a fundo:

1.ª) Estrutura sindical do movimento operário;

2.º) Os motivos da cisão em França;

3.º) Os partidos políticos em face do movimento sindical.

Propomos, além disso, que neste debate os camaradas ao corrente — de língua italiana e francesa — de todas as questões sociais, assistam como juízes.

Esperamos a resposta dos interessados, dos quais o «fenômeno» em questão é apenas um empregado.

A falta de trabalho na Áustria

Já há mais de dois anos que o governo burguês da Áustria restabeleceu a ordem no país, aplicando os princípios dos tratados de Genebra.

A-pesar-disso, porém, o proletariado austríaco continua a viver sob o peso da maior miséria.

Existiam ali ultimamente 230.000 homens —funcionários e operários — sem trabalho, número bastante elevado, atendendo a que neste país devem existir apenas 1.200.000 pessoas que trabalham para ganhar a vida. Segue-se que um quinto dos assalariados está actualmente sem trabalho. Mais de 750.000 pessoas —mães e filhos dos desempregados — são atingidas pelo «chômage».

Segundo os tratados de Genebra só é permitido socorrer no máximo 90.000 chômageurs, portanto o governo tem de recusar todo o socorro a 140.000 desagregados.

Os desempregados estão unidos e organizados, tendo criado nas cidades mais importantes comitês. Cada comitê tem os seus representantes no Comitê Central dos Trabalhos da Áustria, cuja sede é em Viena. Este comitê central publica um jornal, *O Jornal dos sem-trabalhos*, que tem uma tiragem de 30.000 exemplares.

Já se têm realizado numerosas manifestações, e é por isso que o governo hesita em retirar os desempregados toda a possibilidade de viver. O governo já encerrou alguns chefes deste movimento, dando-lhes em seguida trabalho, a fim de os afastar dos chômageurs.

No dia 1.º de Abril último houve uma manifestação em várias cidades da Áustria, que obrigou o governo a mobilizar todas as suas forças. Houve conflitos, donde resultou 20 feridos em Viena e 50 em Graz, capital da Styria, além de muitas prisões.

Os capitalistas austríacos, auxiliados pelos bandidos fascistas, tentam introduzir a jornada de 12 horas, suprimir os conselhos de trabalho e a lei do inquérito, etc.

Esperamos que os trabalhadores da Áustria não consentirão estas provocações, e que saberão impor a sua vontade aos seus exploradores.

moagens não há leis, não há direito, não há justiça que seja capaz de erguer-sel.

Mais que um despacho ministerial vale no nosso país uma boa saca de arroz; e, se o ministro é temioso, umas ações em uma cota na empresa são o óleo lubrificante que desempenha as molas mais resistentes.

O que é facto é que, em plena República, ou pelo menos em regime de extinção monárquica, vale mais um pedido de im monárquico, do que uma dúzia de representações de Juntas de Freguesia e de Comissões Políticas. Pelo menos assim se demonstrou sempre sob o consulado do *Bonzo-Chefe*, tanto nessa questão da Escola, como na questão dos terrenos da Junta ocupados pela Companhia, como ainda na questão do Chefe da Estação Postal que a *Samorens* pensou em nomear e conseguiu-o, não obstante os protestos das corporações locais.

E... viva a República!

Mas descansem os magnates, descansem os potentados, descansem os bons que se venderão a célebre U. I. U. ou o seu dia de entrudo lá-de chegar também e talvez mais cedo do que muita gente pensa.

Para isso nos encontraram lutando, com toda a dedicação, com toda a boa vontade.

Serra FRAZÃO

CARTA DO PORTO

Contra a saúde pública

As refinarias de açúcar moem-no em vez de o refinar, com grande risco da saúde do consumidor, sem que as autoridades sanitárias se preocupem

Contra a trituração e moagem de açúcares insuficientemente depurados, o ministério do Trabalho publicou, em tempos, o decreto n.º 10.078.

A reforçar esse decreto, foi publicada, em 28 de Maio de 1925, a portaria n.º 4.413,

em consequência de persistir o abuso e das respetivas amostras colhidas continuarem a atestar a impureza dos açúcares moídos, em vez de refinados.

Não se trata aqui de um simples interesse corporativo, profissional, mas de um caso de higiene pública, para o qual as autoridades sanitárias têm o dever, visto que para isso ganham, de dedicar toda a sua especial atenção.

A-pesar, porém, da saúde pública perigosa da publicação na folha oficial dos referidos decreto e portaria, a trituração, a moagem dos açúcares continua-se a efectuar sem a mínima vigilância das delegações e sub-delegações de saúde — o que é de entender que as autoridades estão compadres pelos moageiros dos açúcares...

Se houvesse o indispensável cuidado de quem compete velar pela saúde pública, certamente que saberiam que os açúcares são moídos, e não refinados, nas seguintes casas:

Ramalho, Lordelo de Ouro; Luis Pereira Sampaio, rua Fernão de Magalhães, 287; António Sonsa Camilo & Filho, rua de Penecous, 177 (Lordelo do Ouro); M. Vunder & C.º, rua do Almada, 296; Vidal, Filho & C.º, rua da Lada; Manuel Soares Ferreira, travessa de Penecous, 127; João Pinto de Azevedo & C.º Ltda., rua da Pastralheira, 261 (Lordelo do Ouro); A Flôr do Padrão, largo do Padrão, Jaime R. Prazeres, rua 13 de Fevereiro, Matosinhos; Antiga Fábrica João Ferreira, rua Barão de São Cosme, e A. Gregório Martins, rua Escura, 21.

Como as autoridades, alinal, são entidades mais próprias para arranjos do que para tratar da verdadeira defesa pública e feal cumprimento das suas funções fiscalizadoras — aquelas casas onde se moem açúcares, esqueceram-se de que os citados açúcares moídos são nocivos à saúde pública, visto que, sendo por diferentes vezes cuidadosamente analisados, foram dados como impróprios para consumo.

Não é a primeira vez que se tem provado que os moídos irram tóda a qualidade de impurezas que o açúcar contém: um bicho que seja, o moímo reduz tudo a pó. E confiantes nessa operação pulverulenta que os moageiros costumam adstringir aos açúcares, sal, arroz podre, gesso e outras porcarias que se tornem mais baratas que o açúcar...

Há, por exemplo, um tal A. Pereira, da rua Torrinha, que já não é virgem no adiamento do sal. E' de presumir que aquele moageiro, contando com a impureza, com a indolência, possivelmente com a cumplicidade, das autoridades sanitárias e civis, mais arregaladas para as notícias bancárias — ainda hoje procede à mistela...

O público, pois, não sabe o que consome. E todavia, ele pode, com uma rudimentar experiência, verificar a diferença que existe entre o açúcar moído e o refinado, passando este por um bom filtro que lhe extraia toda a impureza. Qualquer pessoa pode, em sua casa, fazer a seguinte análise: pegue em dois copos de água limpida, cristalina. Num copo deita uma colher (de sopa) de açúcar puramente refinado; no outro, idêntica percentagem de açúcar moído. Verá, depois, que a água adocicada com o açúcar refinado se torna imediatamente ácida, enquanto a adocicada com o açúcar moído se torna um pouco turva e com um tanto de corte farinaceous na superfície. O açúcar moído denuncia sempre a sujidade, ao passo que o refinado só pode mostrar no fundo do copo a grana que possa escapar pelos peneiros...

Não é, mais uma vez afirmamos, um simples caso de interesse profissional que nos faz falar, mas uma questão de higiene, de saúde pública — o que é mais grave?

Ouviram-nos há as autoridades?

Pórtio, 27-8-925.

C. V. S.

A C. G. T. italiana

Organiza um movimento para aumento de salários

O conselho de ministros italiano deve-se reunir ontem para examinar a situação económica, que parece ter-se tornado bastante grave na Itália.

A carestia da vida acentua-se dia a dia e a situação da maior parte dos operários é agravada.

A aplicação dos novos direitos sobre os trigos sobrecarrega extraordinariamente os consumidores.

As organizações operárias aderentes à C. G. T. reuniram-se a semana passada. O comité executivo confederal, perante os delegados dos trabalhadores da terra, municipais, do livre, metalúrgicos, ferroviários, têxteis, etc., expôs o estado actual de coisas, ao qual, segundo él, é preciso pôr

Examinou as razões que concorrem para a depreciação da divisa monetária; proclamou-se adversário resoluto dos direitos sobre os cereais e convidou as federações de indústria a actuarem energeticamente para elevar os salários às novas exigências da vida.

Cada um por sua vez, os representantes de ofícios expuseram a miséria em que vivem os operários italianos.

Ficou decidido que as massas operárias aderentes à C. G. T. reclamarão uma revisão de salários, introduzindo nos contratos de trabalho a escala móvel de maneira a aumentar a remuneração do trabalho em proporção ao custo da vida.

FILHOS?

Ter filhos! E' belo, sem dúvida. E' belo ser-se pai, viver-se rodeado por um rancho de crianças, entre os seus risos e os seus gritos, afagado pelas suas carícias angelicais, brincando com elas e beijando-as, passeando-as pelos campos e vendos, a correr, sempre risinhos e infatigáveis, apanhando flores...

A paternidade é uma aspiração delicada, própria dos temperamentos bons e sãos; é um desejo que acalenta por vezes os infelizes e os desiludidos da bondade e da sinceridade dos similares dos nossos dias.

Mas, ai! Ai daqueles que têm filhos, sem os desejarem, que não têm ou não podem ter coragem de paí! Ai daqueles que, sendo possuidores de belos sentimentos e de generosas intenções, não têm recursos para bem criarem e educarem seus filhos! Ai daqueles ainda, que, de deuses de organismos, herdeiros de enfermidades ancestrais e contaminados fundamentalmente pelas doenças que não é fácil prevermos.

Ai de todos estes! O melhor é não procriar.

Se não desejas filhos, se não tens de casar que vibre na ansiedade de seres paí, evita que tal aconteça. Vossos filhos seriam causa da vossa infelicidade e eles próprios muito sofreriam com a aridez do coração.

Se vos seduz a ideia de ter uma prole mais ou menos numerosa, mas se vos faltam os recursos económicos suficientes, deveis também evitar a descendência ou, quando muito, limitá-la rigorosamente na medida dos vossos proveitos. Procedendo assim ficareis privados do prazer de ter muitos filhos, é certo; mas evitareis a dor e o desespero de ver os vossos pequeninos amados sofrerem privações e evitareis também o supício dilacerante de os não poder insuflar uma vida venturosa. E a eterna iniquidade!

Pátria, política, idealismo burguês, tudo isso se traduz no cofre forte, no depósito nos bancos, no *deve e haver*. O lema do presente, como muito bem disse ainda o mesmo político, é «*cada um governa-se*».

A crise, a grande crise, esse artifício gerado pelo ferrugem do engrenagem social que nos tritura, tem como factor-principal a avaria e como principal vítima o operário.

A par da crise de falta de produtos alimentícios no mercado, a crise de trabalho para os camponeses. Não há trabalho na construção civil e vivem numa promiscuidade avultante famílias amontoadas em parcos velhos.

Encravam as oficinas de fabricação da mobília e falta o conforto em tantos lares. Não há com que vestir tanta gente esfarrapada e semi-maua e paralisam as fábricas de tecidos; numa palavra, é a crise das crises.

E o problema que todos os círculos falam querer solucionar, tem uma única solução possível, e essa só lhe pode ser dada pelos baixos.

Tomem os camponeses as terras e trabalhem-nas em comum os operários industriais os técnicos, os do ramo da distribuição, etc., conta dos seus respectivos ramos de produção colocando-se tudo em comum, e por certo a crise, essa feição, terá desaparecido.

A BATALHA

No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

PRÓ-CONGRESSO CONFEDERAL

Salão de festas do Sindicato Único da Construção Civil de Pórtio

Realiza-se no próximo terça-feira, um espetáculo para angariar receita para as despesas com o deputado a enviar ao Congresso, subindo à cena o drama, em 3 actos, «*O Segredo do Pescador*», finalizando com uma comédia.

Abriu-se o mesmo espetáculo uma orquestra.

Desde já se podem adquirir os convites na sede, das 19 às 22 horas.

A cura das doenças pelas Plantas

3.º edição — Preço 2.500, pelo correio 2.550 pedidos a administração de A BATALHA

ESPERANTO

Nova Vojo. — Em assembleia geral foram apreciados o relatório e contas da comissão administrativa, e nomeou-se a nova comissão que ficou composta por Costa Júnior, Jerônimo V. Cândido e Leonel da Cruz.

ACABA DE SAÍR

O Sindicato Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1.000.

Pedidos à administração de A Batalha.

B revolução Social e o Sindicato

Por Arckino. Preço 50.

Tentativa de suicídio

Depois de receber os primeiros socorros no pôsto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, deu entrada na enfermaria Curry Cabral, do hospital Estrela, Natividade da Conceição, de 35 anos, natural de Nelas, que tentou suicidarse.

ACREDITA:

A BATALHA

O exército não é senão um conjunto de assassinos disciplinados. A sua instrução provém da escola do crime e as suas vitórias são massacrantes.

HIGIENE INDUSTRIAL

(Tese a apresentar ao I Congresso Confederal, IV Nacional)

Pelo que toca às matérias primas, todos sabem que pelas poeiras que produzem, ou pelos venenos que as compõem, atacam o organismo humano, danificando-o dia a dia por um processo lento, mas inquebrantável. Existem hoje aparelhos e dispositivos que eliminam as desvantagens apontadas. Precisamos conhecê-los para reivindicar a sua instalação em todas as oficinas e fábricas, onde se torna necessário.

Os industriais tendem e quase só cuidam, entre nós, em instalar-se nas condições mais favoráveis de preço, desprezando os efeitos sobre a nossa saúde resultantes das instalações deficientes. Na defesa da nossa vida devemos combater essa tendência, obrigando-os ao respeito da vida humana.

Da nossa ação consciente pode resultar, pois, a redução, pelo menos, de grande número de perigos derivados das ferramentas e máquinas imperfeitas, da utilização, sem as cautelas devidas, das matérias primas. Torna-se necessário, por isso, não abandonar ao acaso este aspecto da questão.

Da nossa indiferença, com efeito, provêm diários ataques à nossa saúde, à nossa vida que podem e devem ser anulados e removidos.

Finalmente, devemos considerar ainda os perigos resultantes das más condições locais de trabalho. A iluminação, a ventilação e o acústico das oficinas, das fábricas e dos ateliers, são factores essenciais. Mais de um terço da nossa vida consome-se nesses sítios. Se elas não tiverem a luz necessária, o ar conveniente e o acústico indispensável nos pagaremos com a vida diariamente. Precisamos, por tal motivo, de conhecer os tipos de construções oficinal e fabril mais adaptados às necessidades da vida humana e de impôr a sua adopção. E' a nossa vida que está em jogo. Se nós dela desinteressarmos, como poderão os outros dispensar-lhe os cuidados que lhe não consagramos?

Esta rápida exposição da natureza dos perigos, que afetam a vida dos trabalhadores, põe bem em evidência que a defesa da nossa saúde, só pode ser eficaz, quando for um motivo de ação directa. Esta assertão é sobretudo verdadeira no nosso país. Realmente, a pesar de tudo, o Estado em todo o mundo culto tem promovido a organização de um certo número de organismos destinados especialmente à defesa da saúde dos trabalhadores. Em alguns laboratórios oficiais, na Inglaterra, na Alemanha, na América e na França estabelece-se e propaga-se os melhores tipos de ração alimentar do trabalhador, a melhor forma das ferramentas, os melhores métodos profissionais. Por intermédio de vários fóruns de publicidade e de uma rede cada vez maior de escolas técnicas de todos

os graus as verdades averiguadas, as regras mais perfeitas vão sendo transportadas para a prática, generalizando-se a sua aplicação.

Por outro lado, uma crescente legislação sobre higiene e sanidade de trabalho impõe a adoção dos preceitos de instalação industrial mais convenientes. Um corpo especializado — o inspectorado do trabalho — vigia pelo seu cumprimento.

Não há hoje país civilizado, onde este organismo não exista. Nuns, como a Inglaterra, fiscaliza e orienta; noutros, como a Alemanha, fiscaliza sómente. Nalguns, em vez de ser sómente um corpo de funcionários, associa os próprios operários.

Entre nós o Estado não possui laboratórios orientadores da higiene, da fisiologia e da sanidade do trabalho. A legislação respectiva quer sanitária, quer referente à duração de trabalho de adultos, mulheres e menores pode considerar-se letra morta, porque o organismo de execução — o inspectorado do trabalho — não tem nem a compreensão, nem a eficácia necessárias.

Sobre os trabalhadores, que são os directamente interessados, cai, por isso, a necessidade de agir nesta matéria. Mesmo que não estivéssemos já dentro da nossa orientação na luta a ação directa, a força das circunstâncias compelir-nos-a a adoptar esse método de ação neste particular e isso teremos que fazer desde já se não quizermos ser cúmplices dos assassinatos lento a que estamos sujeitos.

Do resto, mesmo nos países onde a legislação se cumpre e os organismos científicos são eficazes, os organismos sindicais tendem a não deixar apenas ao cuidado alheio a defesa da própria vida. Certos sindicatos operários como os dos tipógrafos e costureiras da América do Norte criaram e mantêm organismos perfeitos de directa defesa da saúde.

Mas, esta indispensável e urgente necessidade da ação directa em matéria de defesa da saúde, esbarra no nosso meio com enormes dificuldades. A criminoso impreparação em que têm mantido os operários, pela ausência dos órgãos educativos necessários, torna-os escravos de hábitos maléficos e inconscientes dos perigos que quotidianamente dizimam as nossas fileiras e não poucas vezes concorre para o enfraquecimento dos nossos organismos. Na classe médica raros se têm preocupado com esta situação gravíssima e os poucos que o têm feito vivem longe de nós, quase divorciados da nossa vida.

E, no entanto, nem podemos dispensar a sua cooperação de médicos especializados, nem conservar a indiferença nefasta, suíça que a este respeito temos mantido.

Nesta ordem de ideias, atendendo à transição criada na nossa organização por organismos de consulta e orientação técnica, como o Conselho Jurídico e o Secretariado para a Educação proposto na tese que se ocupa daquele não menos importante problema, devemos procurar a criação de um Conselho de Salubridade Profissional que oriente superior e científicamente a ação a desenvolver.

Em conexão com esse Conselho devem actuar os órgãos locais de informação e aplicação que sejam necessários, ou sejam as delegações de oficinas e os «comitês» de fábrica.

As dificuldades notadas não devem entubiar o nosso esforço neste sentido, porque da nossa vida se trata, porque da conquista da saúde depende a liberação da energia necessária à satisfação das nossas necessidades e à realização do nosso ideal emancipador.

CONCLUSÕES

A defesa e a conservação da saúde dos trabalhadores, sendo uma necessidade individual e um dever social que se impõe, deverá ser tomado na máxima consideração por toda a organização sindicalista portuguesa com o fim de em tudo contribuir para cessação das causas que determinam as doenças que enfraquecem e dizimam a família operária.

II

A passividade do proletariado em relação à vigência de maus processos e locais de trabalho e que equivale à sua cumplicidade numa espécie de assassinato lento das multidões trabalhadoras, deve dar lugar a uma ação energica e perseverante, orientada pelos organismos sindicais profissionais ou de indústria, no sentido de obter do patrónato o respeito pela defesa da saúde daqueles que têm contribuído para o seu enriquecimento.

III

O Congresso delibera mais:

a) Que na C. G. T. seja organizado um Conselho Técnico de Salubridade Profissional, que funcionará junto da Secção de Federações, ao qual incumbe a orientação científica superior na ação a desenvolver em relação às diferentes indústrias na defesa da saúde dos trabalhadores;

b) Que os sindicatos procedam a investigações sobre as condições de higiene nos locais de trabalho, por meio dos órgãos sub-múltiplos sindicais, afim de, por sua vez, informarem as respectivas Federações e estas o Conselho Técnico de Salubridade Profissional da C. G. T. para os efeitos dum regular e permanente colabroamento com aquele organismo;

c) Que aquela colaboração tenha um carácter quotidiano activo sobretudo na implantação das regras científicas de trabalho ou seja dos processos de defesa dos trabalhadores onde quer que exerçam a sua actividade profissional.

IV

A C. G. T., depois de estudar convenientemente tudo o que diz respeito à instalação e mais meios materiais de vida do Conselho Técnico de Salubridade Profissional, enviará aos sindicatos confederados uma circular elucidativa das despesas que poderão comportar a existência daquele organismo, convidando-os, outrossim, a contribuir com a necessária cota suplementar destinada à sua manutenção.

Manuel da Silva Campos, Carlos Maria Coelho, Lúcio Costa, Luís Gonzaga, Joaquim de Sousa, Manuel H. Rijo, Manuel Nunes, Manuel Joaquim de Sousa.

A crise de trabalho na Construção Civil

A ação do Sindicato Único da Construção Civil de Lisboa para a debelar

Só por manifesta má vontade e desleixo dos governos e da Câmara Municipal, se não tem resolvido entre nós este magnifico problema. E tanto assim é certo termos vindo reclamando dos poderes constituintes desde Julho de 1924, há precisamente 14 meses, a abolição do imposto de registo na primeira venda das propriedades e consequentemente a obrigatoriedade dos proprietários construtores do recomeço rápido das obras dos predios em construção iniciada. E' verdade que a pesar-de-nossa data se encontram já paralisadas as obras que tem paralisadas, entre as quais se encontra o Liceu Feminino, Escola Normal de Benfica, Encomendas Postais, Maternidade, Instituto de Medicina Legal, Bairro Social do Arco do Cego, etc. e dá um maior desenvolvimento às obras do novo Município de Lisboa e Bairro Económico da Ajuda?

E' conveniente salientar que os predios do Bairro Social do Arco do Cego e o Edifício do Liceu Feminino se estão arruinhando completamente, o que sem dúvida está ocasionando um grave prejuízo para o Estado. Desta forma, se verifica a não razão da existência da crise de trabalho na construção civil, pois que, de uma ou de outra conformidade, o governo pede e deve fazer terminar imediatamente o mal que está levando à maior das misérias centenas de produtores. De contrário, a continuarmos assistindo à incúria do governo ante tão dolorosa situação que o operariado da nossa indústria está atravessando, certamente uma ruindosa e natural manifestação de repulsa se irá verificar, perante a sua inexplicável atitude, não sabendo nós as consequências que o desespere dos desocupados poderá atingir.

Senhores políticos, senhores da governação! Reparei que a fome é inimiga da virtude, e que o operariado também tem direito a viver, não podendo nem devendo já amanhã continuar a mercê da vossa política reles, de vaidades e ambições personalistas. Não, não pode ser!

Assim sucedeu, porque a despeito de todo o nosso esforço junto dos governos e da Câmara Municipal no sentido de evitar o agravamento das misérias, não conseguimos ser alendidos e as obras continuaram paralisadas. Chegámos a Fevereiro do corrente ano e o Sindicato que, a pesar-de-tudo, continuava tratando da situação dos desocupados, tinha inscritos sem possuir emprego mil e setenta e nove operários. E' então que o Sindicato é forçado a promover determinada agitação entre o operariado sem colocação, e dias depois realiza um comício público no qual são apresentadas várias reclamações a apresentar ao governo e à Câmara, tendentes a debelar a crise, reclamações que são já do domínio público, pois foram publicadas em *A Batalha* e deuses entregues a quem de direito.

Seguidamente à realização do nosso comício, é pelos industriais fornecedores de materiais de construção, que são simultaneamente os credores dos predios em construção iniciada, promovido um outro comício onde estivemos presentes, e foi aprovada uma moção com cujas conclusões estivemos de acordo, as quais são as seguintes:

«Que todos os predios iniciados sejam concluídos imediatamente, para que a indústria tenha laboração e os operários tenham colocação imediata.

Que os capitalistas que tenham hipóteses sobre predios, não possam receber mais do que o juro da lei. Que se os capitalistas e proprietários não quiserem concluir os predios, que sejam os mesmos entregues aos fornecedores de materiais, que por sua vez tomam o compromisso de os concluir delegando depois esses credores num só, para os representar na administração dos ditos predios. Depois dos predios concluídos, tomam os credores o compromisso de pagarem aos capitalistas o respectivo juro do seu capital.

Que depois dos credores terem recebido todos os seus créditos, toman o compromisso de entregarem os predios aos respectivos anteriores proprietários. Os credores toman também o compromisso de prestar contas exactas da sua administração, aos primorosos proprietários. Os credores fazem ainda a sua administração gratuita.

Depois de decorridos seis meses da data da realização dos já aludidos comícios de onde saíram as reclamações que o nosso sindicato e os fornecedores de materiais fizeram chegar ao conhecimento das entidades oficiais, o que fez o governo para debelar de momento a crise de trabalho que vimos solvendo?

Aboliu o imposto de registo na primeira venda de propriedades?

Forçou os construtores proprietários a recomeçarem as obras dos predios iniciados?

Habilmente os fornecedores de materiais que são já os credores desses predios a toparam a seu cargo, a sua conclusão para os entregarem aos seus primorosos proprietários depois de terem recebido todos os seus créditos?

Não! O que fez então?

Admitiu nas obras do Estado os mil e setenta e nove operários sem trabalho?

Limitou-se apenas e isto em virtude da

SOLIDARIEDADE

Pró-José Pires de Matos

Em Castelo Branco criou-se uma sub-comissão afim de procurar conseguir que José Pires de Matos, dedicado militante que pela organização e pelas ideias avançadas arranjou-nos a sua saúde possa obter os meios necessários à sua cura.

Essa sub-comissão recebeu já os seguintes donativos:

Corticeiros da fábrica M. J. Eusébio (C. Branco), 145\$00; corticeiros da fábrica J. L. Borges (C. Branco), 51\$80; grupo Luz e Liderdade, 10\$00; Faustino Brethes (T. Novas), 25\$00; Associação Corticeiros de Almada, 25\$00; António Gomes (Fundão), 33\$00; José Francisco Monteiro (Serpa), 10\$00; Bernardino G. Janeirinho (Serpa), 10\$00; Federação Corticeira, 25\$00; quente tirada entre os corticeiros de Alhandra por J. Silvestre Moita, 24\$50. Total: 176\$30.

Realiza-se no dia 31 do corrente a festa de auxílio à mãe de Manuel Ramos, promovida pela secção profissional dos pedreiros. Todos os que quiram bilhetes devem requisitá-los a esta secção ou ao contínuo.

Pró José da Silva Costa

Conforme já temos tornado público em *A Batalha*, encontra-se gravemente enfermo o nosso camarada José da Silva Costa, membro da Juventude Sindicalista e da organização sindical, o governo pede e deve fazer terminar imediatamente o mal que está levando à maior das misérias centenas de produtores. De contrário, a continuarmos assistindo à incúria do governo ante tão dolorosa situação que o operariado da nossa indústria está atravessando, certamente uma ruindosa e natural manifestação de repulsa se irá verificar, perante a sua inexplicável atitude, não sabendo nós as consequências que o desespere dos desocupados poderá atingir.

Senhores políticos, senhores da governação! Reparei que a fome é inimiga da virtude, e que o operariado também tem direito a viver, não podendo nem devendo já amanhã continuar a mercê da vossa política reles, de vaidades e ambições personalistas. Não, não pode ser!

O momento por que passamos exige que vos convençamos que tendes o indeclinável dever de atenderdes as nossas reclamações, resolvendo quanto antes a crise de trabalho na nossa indústria para que consequentemente desapareça a miséria que invadiu os nossos lares. De contrário não podereis estranhar a atitude de rebeldia e justa indignação que de momento possa surgir de entre as nossas vítimas, pois suceda o que suceder, só a vossa cabera inteira responsável.

Agora, não só para atendermos ao pagamento desse empréstimo, como ainda para atendermos às despesas que está tendo lugar com o tratamento daquele camarada e porque o produto que se obtém com listas de subscrição voluntária não nos permite dispensar este meio, vimo-nos forçados a promover a realização dum festa cujo príncipe venha ao encontro das necessidades a que esta comissão tem de atender.

A festa terá lugar impreterivelmente em 30 do corrente mês, encontrando-se bilhetes à venda na sede do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, calçada do Combro, 33-A, 2º, todas as noites das 20 a 22 horas. Estamos certos que todos os camaradas adquirirão bilhetes, auxiliando assim um camarada, desde que se lembrem de que a sua vida depende da solidariedade respeitante à sua estadia na província.

O programa da festa consta do seguinte:

1.ª parte — Representação do emocionante drama social em 1 acto «Bandidos», desempenhado por distintos amadores do grupo dramático Solidariedade Operária.

2.ª parte — Ilusão e prestidigitador, por M. Lingg, ilusionista moderno e parodista.

3.ª parte — Representação da fina comédia em 1 acto «A Teima», desempenhada por distintos amadores do grupo dramático Solidariedade Operária.

4.ª parte — Fados por oito dos melhores cultistas.

A festa é abrilhantada pela troupe de bandolinistas «Os malcriados».

CONGRESSO CONFEDERAL

Comissão organizadora

Reunião, às 20,30 horas.

A adesão do S. U. C. Civil de Guimarães

GUIMARÃES, 26. — Reunião ontem em assembleia magna o S. U. C. Civil de Guimarães, Pórtico da Construção Civil.

Alves da Sá, do S. U. Téxtil do Pórtico, António Libânia, da Delegação Confederal de Propaganda do Norte, João da Costa e outros falarão sobre a necessidade do sindicato dar a sua adesão ao Congresso Confederal, sendo aprovada por unanimidade uma moção nesse sentido e nomeando-se delegado António Silva. — E

Federação do Mobiliário

Na última sessão do Conselho Federal, apreciou-se um ofício do Sindicato do Pórtico sobre a realização da Conferência Mobiliária em Santarém, durante ou após o Congresso Confederal. Sobre o assunto foi aprovada uma moção aceitando a ideia e resolvendo oficiar aos organismos aderentes a fim de se pronunciarem sobre o assunto com a devida urgência.

A Batalha

Na última sessão do Conselho Federal, apreciou-se um ofício do Sindicato do Pórtico sobre a realização da Conferência Mobiliária em Santarém, durante ou após o Congresso Confederal. Sobre o assunto foi aprovada uma moção aceitando a ideia e resolvendo oficiar aos organismos aderentes a fim de se pronunciarem sobre o assunto com a devida urgência.

A Batalha

Na última sessão do Conselho Federal, apreciou-se um ofício do Sindicato do Pórtico sobre a realização da Conferência Mobiliária em Santarém, durante ou após o Congresso Confederal. Sobre o assunto foi aprovada uma moção aceitando a ideia e resolvendo oficiar aos organismos aderentes a fim de se pronunciarem sobre o assunto com a devida urgência.

A Batalha